

A ESCOLA E O BAIRRO: PERCEPÇÃO AMBIENTAL E REPRESENTAÇÃO DA PAISAGEM POR ALUNOS DE UMA 7ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL

THE SCHOOL AND THE NEIGHBORHOOD: ENVIRONMENTAL PERCEPTION AND THE REPRESENTATION OF LANDSCAPE BY STUDENTS OF 7TH GRADE GROUP

Cleres do Nascimento Mansano¹

Ana Tiyomi Obara², Neide Maria Michellan Kiouranis³, João Pedro Pezzato⁴

¹UEM/Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação Para a Ciência e o Ens. de Matemática/
cmansano@gmail.com

²UEM/Biologia/ atobara@uem.br

³UEM/Química/ nmmkiouranis@uem.br

⁴UNESP/jpezzato@rc.unesp.br

RESUMO

Foi realizada uma investigação sobre a percepção ambiental de alunos de uma turma de 7ª série do ensino fundamental, nas aulas de Geografia, de uma escola pública do município de Maringá (PR). O objetivo do estudo foi identificar as representações e as percepções dos alunos sobre o termo “paisagem”, em relação às paisagens topofílicas e topofóbicas da escola e do bairro. Primeiramente, foi solicitado aos alunos que fizessem uma produção de texto e desenhassem o que consideravam ser uma “paisagem”. Em seguida, foi realizada a brincadeira da câmera fotográfica, em que cada dupla de alunos foi orientada a desenhar uma paisagem bonita e uma paisagem feia. Observamos que a maioria dos alunos associa o termo “paisagem” com a natureza. Observamos, ainda que, para grande parte dos alunos, a paisagem bonita está relacionada à natureza conservada, e a paisagem feia, à natureza degradada e aos elementos do ambiente construído.

Palavras-chave: bairro; escola; percepção ambiental; paisagem; representação.

ABSTRACT

An investigation into environmental perception was carried out during Geography classes in a 7th grade group. The group was from a Public school in the city of *Maringá, Paraná* - Brazil. The goal was to identify student's representations about the term “landscape” and their perceptions relating to topophilic and topophobic landscapes from school and neighborhood. First, it was required from them a composition and a drawing expressing what they considered to be a “landscape”. Next, the camera game took place, in which each couple of students was instructed to draw a beautiful and an ugly landscape. It was observed that most of the students associate the term “landscape” with the nature. It was also observed that, for a great number of students, the beautiful landscape is related to the nature and the ugly landscape is related to the degraded nature and to the elements from built environment.

Keywords: neighborhood, school, environmental perception, landscape, representation.

1. INTRODUÇÃO

O ponto de partida para ler o mundo pode ser a decodificação da paisagem que muitas vezes é vista, mas nem sempre percebida conscientemente. Por meio dos estímulos sensoriais que o homem experimenta durante sua vida, ele interpreta e apreende sobre o seu meio físico e social. A paisagem cotidiana do ser humano no mundo contemporâneo, predominantemente urbano, está envolta por sons, formas, movimentos, cheiros, gostos e sensações tácteis e afetivas que possibilitam o diálogo humano com o mundo. Existem várias definições de paisagem, entre elas a do geógrafo Milton Santos. Para o autor, paisagem é:

Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc (SANTOS, 1991, p. 61).

Dizer que paisagem é o que vemos é um preconceito, é reduzir nossas percepções a um único sentido, pois a paisagem existe em seus vários sentidos, envolvendo o jogo das relações e dos significados. Nós somos capazes de identificar por um dos sentidos ou pelo conjunto dos sentidos, o significado da paisagem. O modo como se dá o processo de percepção ambiental é influenciado também por outros fatores, tais como: cultura, sexo e idade. Assim, a leitura da paisagem não pode ser realizada sem as multirrelações nela existentes.

Segundo Tuan (1980), na percepção ambiental da paisagem estão intrínsecos os laços entre o meio ambiente e a visão de mundo do homem. A percepção ambiental é individual, e no processo de interação há uma variedade de elementos que estão envolvidos na percepção. O autor define a percepção como:

tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura (TUAN, 1980, p.4).

Nesse contexto, a percepção ambiental do ser humano se dá por meio dos estímulos polissensoriais, e mesmo de modo inconsciente, o homem percebe e interpreta os estímulos do ambiente.

Segundo Del Rio (1996, p.3), a percepção enquanto um processo de interação do indivíduo com o meio ambiente, dá-se por mecanismos perceptivos propriamente ditos e principalmente cognitivos.

Para Ferrara (1999), a percepção ambiental supõe uma forma e uma produção de conhecimento. A autora define percepção ambiental como:

a forma de conhecimento, processo ativo de representação que vai muito além do se vê ou penetra pelos sentidos, mas é uma prática representativa de claras conseqüências sociais e culturais [...] supõe uma elaboração de informações que ocorrem no interior do indivíduo a partir de pequenas experiências, porém são apenas possíveis e, nesse sentido, não podem ser jamais previstas ou programadas (FERRARA, 1999, p. 264).

A análise da percepção ambiental pode contribuir para a compreensão de que as paisagens são carregadas de significados e interesses. As diferentes interpretações de paisagens são controversas, pois estão relacionadas com a forma que cada indivíduo percebe o mundo. Assim, a percepção ambiental de uma criança não é a mesma de um adulto, porque cada um possui os elementos para perceber o mundo de acordo com sua experiência.

Na percepção ambiental, podem aparecer elementos agradáveis ou desagradáveis contidos na paisagem. Em outras palavras, na relação do ser humano com a paisagem, podem ser desenvolvidos sentimentos topofilicos ou topofóbicos em relação ao espaço percebido, ou seja, as relações que o homem tem com o ambiente podem ter um elo afetivo ou não.

Ao abordar o tema topofilia, Tuan (1980) afirma que é necessário primeiro o sujeito conhecer a si próprio e, para isso, é preciso abordar a percepção, os valores e as atitudes que estão intrínsecos em cada indivíduo. O autor define a topofilia como “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal” (TUAN, 1980, p.5).

Amorim Filho (1996, p.142) define topofobia como os sentimentos negativos do homem em relação ao seu meio, isto é, ela conduz a noção de “paisagem do medo”. Muitos dos elementos presentes na paisagem são valorizados negativamente pelos indivíduos, que chegam até mesmo ter aversão à paisagem.

Pensando nesse aspecto, em uma escola ou em um bairro sempre existem seus espaços topofilicos e topofóbicos. Com base nessas considerações, foi realizada uma investigação sobre percepção ambiental, com o objetivo de diagnosticar as representações de um grupo de alunos de 7ª série sobre o termo “paisagem”, bem como, suas percepções em relação às paisagens topofilicas (paisagens bonitas) e paisagens topofóbicas (paisagens feias) da escola e do bairro.

2. ABORDAGEM METODOLÓGICA

A pesquisa consistiu em um estudo de caso (LUDKE; ANDRÉ, 1986), cujo referencial metodológico baseou-se em LEME (1986).

2.1. Caracterização da cidade, do bairro e da escola

A cidade de Maringá, segundo dados da Prefeitura do Município de Maringá, foi fundada em 1947. Em 2003, contava com uma população estimada de 303.551 habitantes, distribuídos em uma área de aproximadamente 473.064.190 m² (MARINGÁ, 2005).

A cidade possui vários símbolos que são reconhecidos pela população maringaense, os quais são usados como atração turística. Dentre tais símbolos destacam-se: as árvores espalhadas pelas ruas do centro e dos bairros; os parques e as reservas; as praças; as Igrejas, como a Catedral; e as instituições de ensino superior.

É importante lembrar que, até 1995, desenvolveu-se a política de comunicar às pessoas da cidade e fora dela, a idéia de “Cidade Verde”, “Cidade Ecológica”. A expressão “Maringá sempre Ecológica” passou a vincular-se à beleza, principalmente das árvores eleitas símbolos de preservação, idéia de que a cidade cuida de seu ambiente, legitimando-se num instrumento de boa qualidade de vida. Esse discurso “ambientalista” ainda seduz seus moradores e visitantes, ocupando espaço significativo nos diferentes meios de comunicação (KIOURANIS, 2001).

Fundada em 1961, o bairro investigado chama-se oficialmente Vila Morangueira, é denominado por muitos de “Morangueirinha”. Esse bairro faz parte da microbacia do Ribeirão Morangueiro, cujos fundos de vale se tornaram depósito de lixo para muitos moradores. Naquele bairro de classe média baixa moram aproximadamente 12.196 habitantes. Lá podemos destacar

alguns símbolos, como: a igreja católica, a praça, o parque e a rica arborização. Todos esses símbolos estão localizados bem próximos à escola em que foi realizada a pesquisa, estando estas, a praça e a igreja localizadas no mesmo quarteirão. Quanto ao parque, é reconhecido pela população como “Buracão”, porque assim era chamada a área degradada onde fora construído, tornando-se local de lazer para muitas famílias.

O bairro, de forma geral, é considerado um lugar que oferece boa qualidade de vida aos seus moradores.

A escola foi fundada no ano de 1967 e funciona nos três turnos, atendendo o ensino fundamental e o ensino médio. Nela estudam cerca de 1.700 alunos, que são na maioria moradores do próprio bairro. Quanto aos aspectos físicos, de forma geral, a escola possui infraestrutura necessária para seu funcionamento. Chamam a atenção os pequenos jardins bem cuidados e espalhados pelo pátio. Quanto aos aspectos pedagógicos, a escola destaca-se pelos múltiplos projetos nela desenvolvidos, inclusive projetos de educação ambiental.

2.2. Coleta e análise dos dados

A presente pesquisa foi realizada no ano de 2005, durante as aulas de geografia, envolvendo quarenta alunos de uma turma de 7ª série do ensino fundamental. A idade dos alunos variou de 12 a 14 anos.

A escolha da série apoiou-se nos estudos Tuan (1983, p.34), para quem o horizonte geográfico de uma criança amplia-se à medida que ela cresce, sendo ela capaz de atribuir, a partir da 6ª série significado aos objetos do meio, de apegar-se ao lugar e localizar os lugares com maior precisão. Neste sentido, crianças maiores são capazes de fazer uma análise mais sofisticada, de colocar um lugar no seu contexto geográfico maior, interpretar os objetos do meio e compreender como eles funcionam.

Como instrumento para investigar as representações dos alunos com relação ao termo “paisagem”, bem como a percepção ambiental das paisagens topofílicas (paisagens bonitas) e paisagens topofóbicas (paisagens feias), realizamos a pesquisa em duas etapas principais. Na primeira etapa, questionamos aos alunos o que eles compreendiam como “paisagem” e solicitamos que fizessem uma produção de texto e desenhassem suas representações de “paisagem”. Na segunda etapa, realizamos a brincadeira da câmera fotográfica, para que os alunos pudessem localizar e representar a paisagem topofílica e a paisagem topofóbica da escola e do bairro.

A brincadeira da câmera fotográfica, adaptada de Leme (2003, p.26), consistiu em separar os alunos em duplas, preferencialmente em duplas de moradores do bairro e não-moradores. Um fez o papel de “câmera” (aluno ou aluna de olhos fechados), e o outro, de fotógrafo (aluno ou aluna de olhos abertos). Primeiramente, a atividade foi realizada na escola. O fotógrafo guiou a “câmera” e posicionou-a para uma paisagem que ele considerasse bonita e também para uma outra que considerasse feia. Solicitou para que a “câmera” abrisse os olhos e desenhasse a impressão do que estava vendo. Tanto o fotógrafo quanto a “câmera” desenharam a mesma paisagem. Em seguida, foi realizada a mesma atividade em aula de campo, ou seja, em um passeio pelo bairro. Ao final, com os desenhos organizados e expostos, foi realizado um debate para verificar as impressões das duplas e problematizar o termo “paisagem” na Geografia.

A análise das produções de texto baseou-se no levantamento das principais temáticas, buscando os elementos que mais refletissem as concepções e as representações dos alunos (BARDIN, 1977).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Representações de paisagem

Para exemplificar os conceitos dos alunos sobre o tema, faremos transcrições literais das produções de textos, preservando-se tanto o estilo quanto os eventuais erros de ortografia e/ou gramática. De acordo com a análise, podemos observar que os alunos apresentaram uma variabilidade de representações do que seria “paisagem”, tais como:

Paisagem como habitat ou lugar onde vivemos:

“Paisagem é o ambiente onde moramos, porque ela abrange os rios, o verde, o céu azul, os animais, etc. Então cada um de nós tem a obrigação de cuidar do lugar onde mora, não poluindo os rios, não jogando o lixo em terrenos baldios. Porque é nós que fazemos nosso próprio ambiente, tem um ditado que diz: a casa é o retrato da pessoa. Então temos de cuidar da nossa natureza.” (menino)

Paisagem como natureza:

“Paisagem pra mim é um espaço no qual o homem não modificou. Ele é natural, ou seja, tem árvores, tem verde, seres vivos, tem um ar puro, etc.” (menina)

“É a natureza, muitas árvores, plantas verdes, um campo com muitas flores, muitas cores e com um por do sol.” (menina)

Paisagem como criação divina:

“Paisagem é uma coisa bonita de Deus, ou seja, a natureza. A paisagem que nós vemos hoje em dia, se for preservada, já é uma paisagem.” (menino)

“Paisagem é uma arte que Deus criou. Paisagem é um desenho muito belo, é um desenho artístico, limpo e criativo e sempre vai ser porque paisagem é uma arte.” (menina)

“Na paisagem há árvores, pássaros e flores. A paisagem é um campo, gramado e flores. É uma nascente, sem lixo e sem poluição, é um lugar onde só existe a ação de Deus, onde a ação do homem, a mão do homem e a idéia do homem não passou.” (menino)

Paisagem como meio ambiente:

“É um ambiente onde tudo é perfeito. É o estado de todas as flores, os rios e campos é tudo o que se encontra no meio ambiente.” (menina)

Alguns alunos apresentaram em seus textos uma visão criacionista da paisagem. Para eles, Deus é o criador da paisagem, que, na maioria das vezes, representa a própria natureza.

Com relação às representações expressas nos desenhos, foi interessante observar que a maioria dos alunos não vê o homem como parte integrante da paisagem. O homem aparece em um único desenho (Desenho 1, Figura 1).

Chama a atenção, o fato de os meninos citarem e representarem os rios com mais frequência. A figura seguinte ilustra o fato na representação da paisagem de um menino (Desenho 2, Figura 2).

A maioria dos desenhos mostra a paisagem como uma pintura artística da natureza, como se fosse uma moldura de uma paisagem do horizonte (Desenho 3, Figura 1).



Figura 1: Desenhos da representação da “paisagem”

3.2. As paisagens topofílica e topofóbica da escola

A brincadeira da câmera fotográfica foi elaborada com o objetivo de identificar as paisagens topofílicas e topofóbicas dos alunos em relação à escola e ao bairro.

Quando foi solicitado que desenhassem uma paisagem bonita na escola, notamos que todos os alunos estavam concentrados nos locais em que havia o predomínio de vegetação: os jardins da escola. Como observado na etapa anterior, para eles, “paisagem” significa “natureza”, por isso, praticamente a maioria dos alunos (94%) representou como paisagem topofílica um dos jardins da escola, como evidencia o desenho 4 (Figura 2). Apenas uma dupla de meninos representou o ser humano, como mostra o desenho 5 (Figura 2).



Figura 2: Desenhos representando a paisagem topofílica da escola

Já a paisagem topofóbica da escola foi representada pela maioria dos alunos (71 %) por desenhos com elementos do ambiente construído. O portão, os muros e as cercas da escola foram desenhados por quatro duplas.

Quatro duplas representaram o banheiro como a paisagem topofóbica da escola. Esses desenhos são carregados de mais de um sentido. Não apenas do visual, mas também o olfativo, pois os alunos enfatizaram o odor característico dos banheiros, que, segundo eles, causa muita aversão. Entretanto, há algumas variações na percepção ambiental de alguns alunos, como:

1. duas duplas, sendo uma de meninos e outra de meninas, representaram o lado de fora dos banheiros dos alunos. A dupla de meninos também desenhou o bebedouro de água, que fica ao lado dos banheiros, e a pichação na porta de um banheiro. Chama a atenção a cor desse desenho, porque a dupla utilizou-se dos tons amarelos e avermelhados, mesmo não correspondendo a realidade, como ilustra o desenho 6 (Figura 3). Para Tuan (1983, p. 18-30), simbolicamente, a cor amarela em muitos aspectos, segue o padrão do vermelho e esta cor representa o sinal de “perigo”. Na percepção ambiental dessa dupla, a cor amarela representou o descuido que os alunos vêem em algumas partes do colégio;
2. duas duplas de meninas representaram a depredação interna do banheiro.

Uma dupla de meninas desenhou como paisagem feia: os copos, os pratos e os talheres utilizados pelos alunos hora da merenda. O desenho mostra alguns desses utensílios amontoados em um recipiente, e outros espalhados, próximos à cozinha. Para as alunas, o sentimento que desperta é de repugnância, ao olhar a desorganização após a merenda, pois nem todos os alunos acondicionam corretamente os pratos utilizados, chegando até mesmo deixá-los com restos de alimentos pelo chão.

Cinco duplas representaram o lixo como paisagem topofóbica da escola. As duplas evidenciaram alguns locais e sensações topofóbicas específicas, tais como:

1. uma dupla de meninos desenhou a lixeira do pátio. Embora, a lixeira tivesse boa aparência e não contivesse lixo, o sentimento topofóbico foi despertado pela lembrança do seu significado, ou seja, é o local onde se joga o que é descartado e que geralmente tem odor ruim;
2. uma dupla de meninas representou como paisagem topofóbica a casa do guarda da escola, com lixo espalhado ao redor;
3. uma dupla de meninos representou a lixeira na sala de aula, inclusive com lixos pelo chão, como ilustra o desenho 7 (Figura 3).

A linguagem expressa pelos desenhos justifica a escolha das lixeiras como paisagem topofóbica, porque, apesar de elas terem a função de acondicionamento, o seu conteúdo nos sensibiliza para algo desagradável, tal como o odor ruim.

Os sentimentos topofóbicos também estiveram associados à paisagem natural. Por exemplo, uma dupla representou parte da vegetação deteriorada.

Segundo Tuan (1980, p.18), essa questão é explicada pela característica da mente humana em formar oposições binárias. Se a paisagem topofóbica é a natureza conservada, de acordo com Tuan, há uma tendência natural de a paisagem topofóbica ser representada pela natureza degradada.

A mesma dupla que desenhou o ser humano na paisagem topofóbica da escola também o representou na paisagem topofóbica da escola. Eles desenharam a inspetora de alunos, como ilustra o desenho 8 (Figura 3). Segundo o aluno fotógrafo, ele não gosta do jeito dela. A percepção ambiental das crianças, em geral, está relacionada com as coisas e com as pessoas que eles se identificam. Para essa dupla, a funcionária representa a “paisagem do medo”.

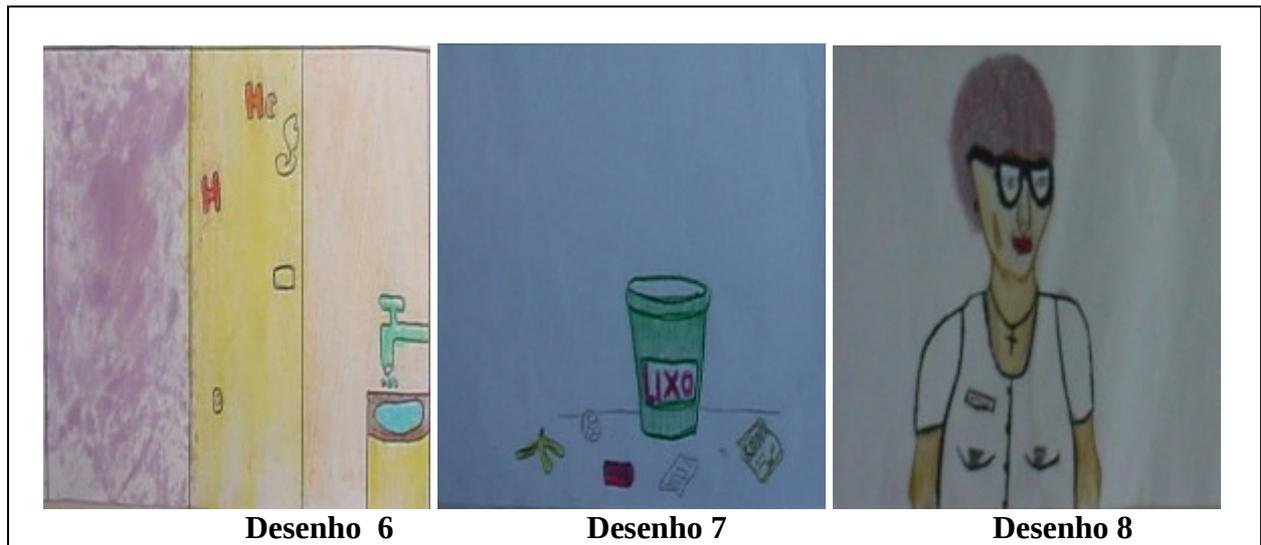


Figura 3: Desenhos representando a paisagem topofóbica da escola

Como já foi afirmado, foi interessante perceber que os alunos representaram elementos variados nas suas representações de paisagens topofóbicas na escola. Os elementos do ambiente construído pelo homem foram predominantes sobre os elementos da paisagem natural.

4.3. As paisagens topofílica e topofóbica do bairro

No passeio pelo bairro, quando foi solicitado para que os alunos desenhassem uma paisagem bonita, observamos uma variedade de representações.

Duas duplas de meninos, moradores do bairro, representaram na paisagem topofílica do bairro a igreja católica, que está localizada ao lado do colégio, conforme desenho 9 (Figura 4). Segundo os alunos, esse é um símbolo religioso do bairro, e é o lugar que “quase todos” frequentam.

A percepção ambiental nesse desenho vai mais além do que os alunos possam expressar. A igreja é um símbolo de poder espiritual, político e econômico. Os sentimentos topofílicos com relação à igreja foram construídos junto à família e à escola.

Uma dupla de meninas, moradoras do bairro, representou a paisagem bonita do bairro pelo jardim da praça da igreja.

Dez duplas representaram como paisagem topofílica do bairro o parque, que é um local de lazer da população, ressaltando aspectos diferentes do local, como:

1. cinco duplas desenharam a vegetação;
2. sete duplas desenharam o parque, mas enfatizaram o lago, como mostra o desenho 10 (Figura 4);
3. uma dupla de meninas, não-moradoras do bairro, desenharam o parque, mais especificamente o parquinho de diversão, conforme ilustra o desenho 11 (Figura 4). Segundo a aluna fotógrafa, a sua escolha estava relacionada com a sensação de calma que sentia ao olhar o parquinho. Evoca a lembrança do sentido tátil, ou seja, das sensações físicas agradáveis com o parquinho.

Segundo Tuan (1980, p.111), o que importa para as crianças são as sensações físicas. Uma criança precisa sentir tatilmente o meio ambiente, ter contato físico com ele. Essas são as sensações mais agradáveis para ela, possibilitando interagir com a natureza, criando uma intimidade física e necessária para perceber o meio ambiente na sua totalidade.



Figura 4: Desenhos representando a paisagem topofílica do bairro

Com relação à paisagem topofóbica do bairro, os alunos identificaram as ações do homem como fator de degradação, tanto no ambiente construído como no ambiente natural. As representações que surgiram foram: vegetação degradada, pichação, lixo, rua e rio. No entanto, houve algumas diferenciações, como mostram os parágrafos seguintes.

A pichação foi mostrada como paisagem topofóbica por oito duplas:

1. três duplas desenharam a pichação na parede externa da igreja, conforme evidencia o desenho 12 (Figura 5). Novamente é evocado o significado da igreja na vida dos moradores do bairro. A falta não está no ato da pichar, mas sim no local. Segundo as alunas, era feio porque estava na igreja, demonstrando falta de respeito;
2. cinco duplas desenharam a pichação no muro de uma casa próxima da escola.

O lixo do bairro foi representado por três duplas, variando entre dois locais:

1. uma dupla de meninas, moradoras do bairro, representou a paisagem feia pela lata de lixo do parque e por alguns lixos espalhados pelo chão, como ilustra o desenho 13 (Figura 5). Outra dupla de meninos, não-moradores do bairro, representou o lixo dentro do lago;
2. uma dupla de meninos, moradores do bairro, desenhou o lixo em frente a uma casa do bairro.

Quatro duplas representaram elementos degradados da natureza como paisagem feia do bairro:

1. uma dupla desenhou um muro e uma árvore cortada, mas sem identificação do local. A outra dupla desenhou a frente de uma casa com lenhas cortadas e amontoadas;
2. duas duplas de meninos, não-moradores do bairro, desenharam uma vegetação com aspecto seco, porém, sem identificação do local, percebe-se apenas que é em frente a uma casa, porque, no desenho, aparece uma construção e uma árvore próxima de um muro.

Duas duplas, sendo de meninos e meninas moradores do bairro, representaram a paisagem feia do bairro pelas ruas e pela má conservação da malha asfáltica.

É importante enfatizar que alguns alunos, quando souberam que teriam que desenhar a paisagem feia do bairro, lembraram do fundo do vale do ribeirão Morangueiro. Por falta de tempo, não foi possível ir até o local. Mesmo assim, uma dupla de meninos moradores do bairro

evocou suas lembranças e desenharam como “paisagem feia” o fundo do vale, com o rio e o esgoto, como ilustra o desenho 14 (Figura 5).



Figura 5: Desenhos representando a paisagem topofóbica do bairro

4.4. A visão dos moradores e dos não-moradores

A disposição e a forma dos objetos e as funções de um bairro são carregados de marcas e significações, sendo necessário serem apreendidos. Os objetos por si só não apresentam significados, são os comportamentos aprendidos que dão forma e distribuição dos mesmos. Entender as relações existentes entre a simbologia do espaço e o ser humano, faz parte do processo de percepção do indivíduo. Assim, existem diferentes percepções entre um indivíduo morador no bairro e outro não-morador, pois a percepção é experienciada. O visitante ou mesmo o aluno que só vai ao bairro para estudar, possivelmente tenha uma visão menos vivenciada de um mesmo espaço.

Nesse contexto, o olhar geográfico de um morador e outro não-morador são diferenciados em muitos aspectos. Tuan (1980), ao analisar as diferenças entre o visitante e o nativo, afirma:

O visitante e o nativo focalizam aspectos bem diferentes do meio ambiente [...]. Em geral, podemos dizer que somente o visitante (e especialmente o turista) tem um ponto de vista; sua percepção freqüentemente se reduz a usar os seus olhos para compor quadros. Ao contrário, o nativo tem uma atitude complexa derivada de sua imersão na totalidade de seu ambiente (TUAN, 1980, p.72).

Em nossa pesquisa, com relação à análise das diferenças de percepção ambiental quanto às paisagens topofílicas, entre os alunos moradores e os não-moradores, observamos que, de maneira geral, não há grandes diferenciações. O parque aparece nos dois casos como sendo a primeira opção, a igreja e a praça da igreja encontram-se na seqüência.

Já no caso das paisagens topofóbicas, observamos que os alunos não-moradores evidenciaram mais elementos para representar a paisagem feia. Com relação à estética da paisagem, 36% de alunos moradores identificaram as pichações, contra 56% dos alunos não-moradores. Isso pode ser justificado pelo fato de os alunos não-moradores observarem melhor a

estética do bairro, ao contrário dos moradores, que estão acostumados com as paisagens vivenciadas no seu dia a dia. Contudo, com relação a alguns problemas ambientais mais graves, que afetam o cotidiano da população local, como a problemática das ruas e do rio, somente os alunos que moram no bairro conseguiram ver os problemas existentes.

4.5. A influência do sexo na representação dos elementos da paisagem

Outro fato que chamou a atenção na pesquisa foi a influência do sexo na representação de alguns elementos da paisagem. De acordo com Tuan (1980, p.61-71), pode haver diferenciações na percepção ambiental entre os sexos. Tanto pelas diferenças fisiológicas, como pela influência da cultura, especialmente naquelas em que os papéis dos sexos são fortemente diferenciados. Para o autor, as diferenças não ocorrem ao acaso, e nas representações sempre aparecem elementos que são de preferência do sexo masculino, como a água, e outros que são de preferência do sexo feminino, como a vegetação.

Alguns elementos da paisagem parecem fazer mais sentido aos meninos, tais como: o lixo, a água e o ser humano, que apesar de não serem muito significativos em termos quantitativos, sugerem diferenças que evidenciam os modos de responderem aos elementos da paisagem.

Já o interesse pela vegetação, pela igreja e pela pichação, teve maior representação nas produções das meninas.

A paisagem com indícios de água, como preferência dos alunos de sexo masculino apontada na literatura é confirmada na pesquisa como um dos itens de maiores discrepâncias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola e em especial o ensino de geografia têm um papel imprescindível para aproximar os alunos do seu meio ambiente. O estudo da percepção ambiental da escola e do seu entorno é um instrumento valioso para o professor diagnosticar como o aluno compreende o seu meio, e a partir daí planejar e definir estratégias de ensino-aprendizagem sobre os principais conceitos do mundo vivido, suas paisagens, seu espaço e seu lugar. Assim, todas as novas propostas sobre o ensino de geografia não devem ser desvinculadas do papel da escola, que é o de proporcionar uma leitura crítica de seu ambiente.

No presente estudo, observamos que alguns alunos conheciam conteúdos e conceitos referentes ao tema “paisagem”, embora freqüentemente equivocados ou distorcidos. Suas concepções estavam baseadas no senso comum, ou seja, tinham um conhecimento prévio desvinculado do conhecimento geográfico. Nesse caso, as leituras de suas percepções ambientais foram imprescindíveis para detectar essas concepções e a partir daí encaminhar uma prática pedagógica orientadora, que leve o aluno a ultrapassar as concepções de senso comum para a científica.

Alguns fatos chamaram a atenção, como as formas dos os alunos perceberem a “paisagem topofílica”, na maioria das vezes relacionando-a com a natureza conservada. Somente na “paisagem topofóbica” aparecem outros elementos, como os antrópicos (as construções humanas). Entretanto, a natureza degradada, também é percebida na paisagem topofóbica como uma forma humana de perceber o mundo em oposições binárias. O ser humano é pouco evidenciado na paisagem topofílica. Já na paisagem topofóbica, ele não aparece diretamente, mas é percebido pelas ações que degradam a natureza.

Como nem todos os alunos conseguiram perceber as multirrelações da “paisagem” levamos a crer que há sempre a necessidade de o professor rever seus métodos de ensino e conseqüentemente suas estratégias pedagógicas, pois as manifestações dos alunos refletem de certa maneira, os conhecimentos elaborados ao longo de sua formação escolar, fruto, muitas vezes de um ensino centrado na aquisição formal dos conteúdos específicos das diferentes áreas de ensino, de maneira isolada. Muitas vezes os conteúdos são trabalhados sem levar em conta as diferenças de cada aluno e conseqüentemente a forma que cada um percebe o mundo. Entretanto, compreendemos que na percepção de “paisagem” está intrínseca a forma como o sujeito a percebe.

Diante da pesquisa realizada, acreditamos que a diversidade de representações sobre o conceito de “paisagem” é o ponto de partida para a inclusão das propostas de estudos de percepção ambiental no ensino de geografia, uma vez que os alunos precisam compreender as relações existentes no meio em que vivem; mas, para isso, é necessário que haja prática pedagógica formadora e integral do aluno, que leve em consideração a forma como ele percebe o seu meio.

REFERÊNCIAS

- AMORIM FILHO, Oswaldo B. Topofilia, topofobia e topocídio em Minas Gerais. In: RIO, Vicente del; OLIVEIRA, Livia de. **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Editora da UFSCar, 1996. p.139 - 152.
- BARDIN, Laurence. **Análise do conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- FERRARA, Lucrecia D` Alessio. **Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental**. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- KIOURANIS, Neide Maria Michellan. **Educação e percepção ambiental: estudo com alunos do ensino médio**. 2001. 150 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) - Instituto de Química - Instituto de Física - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- LEME, Patrícia C. Silva. O método de Joseph Cornell para aprendizagem seqüencial na natureza. In: SCHIEL, Dietrich; et al. **O estudo de bacias hidrográficas: uma estratégia para educação ambiental**. São Carlos: Rima, 2003. (21 – 28).
- LÜDKE, Marli; ANDRÉ, E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MARINGÁ. Prefeitura do Município de. **História/Economia**. Apresenta dados gerais sobre o Município. Disponível em: < <http://www.maringa.pr.gov.br> >. Acesso em: 06 ago. 2005.
- RIO, Vicente Del. Cidade da mente, cidade real: percepção e revitalização da área portuária do RJ. In: RIO, Vicente del; OLIVEIRA, Livia de. **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Editora da UFSCar, 1996. (3 – 22).
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1991.
- TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.
- TUAN, Yi-fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.